

TRADUÇÃO: EXCERTO DE *O MOINHO DOS PFISTER*, DE WILHELM RAABE

Marcelo Rondinelli*

Pfisters Mühle (1884), cujas primeiras páginas se apresentam em tradução a seguir, constitui o que se considera a primeira narrativa voltada à temática ambiental publicada na Alemanha. Seu autor é Wilhelm Raabe (1831-1910), expoente do chamado Realismo poético da literatura de expressão alemã ao lado de Theodor Fontane, Gottfried Keller e Theodor Storm. A despeito de sua volumosa produção literária, com dezenas de romances e novelas, diferentemente desses três outros autores, Raabe segue bem pouco conhecido e até hoje sem tradução em nosso país.

O trecho: Eberhard leva a jovem esposa Emmy para passar os dias das primeiras férias de verão do casal no moinho que pertencera à sua família Pfister, agora desativado e recém-vendido a futuros industriais. Ali, rememora, para a moça (e para o leitor, na forma de narrativa emoldurante) momentos importantes vividos nos tempos em que o moinho, então comandado pelo Pfister pai, para além da atividade econômica, ocupava também destacado papel na vida social da localidade, com seu pequeno restaurante, que atraía um animado círculo de frequentadores, sobretudo de estudantes das proximidades. O idílio vai sendo cada vez mais afetado pelo vertiginoso crescimento industrial da região (não distante de Berlim), com as águas do rio que move o moinho dos Pfister sendo poluída pelos resíduos da fábrica de açúcar de Krickeroode.

O projeto de tradução em curso oferece consideráveis desafios. O texto de *Pfisters Mühle* é repleto de alusões a obras e personagens literárias em muitos casos desconhecidas do leitor brasileiro. É o caso das reiteradas referências ao “Oberon”, narrativa em versos de Christoph Martin Wieland (1733-1813), igualmente sem tradução no Brasil. Há uma versão portuguesa de 1803, realizada por Francisco Manuel do Nascimento, onde encontramos como primeiro verso o “Sélla-me, oh Musa, inda uma vez o hypògripho” que se lê apenas pouco modificado na abertura da narrativa de Raabe. Bem mais difícil é a passagem “filhos e pais balançando a cabeça pensativos” (cf. o excerto anexo). Os primeiros parágrafos de *Pfisters Mühle* aparecem salpicados desse “Oberon” wielandiano, o que, portanto, cria alguma dificuldade de leitura para o leitor dos dias de hoje, sobretudo o não-alemão.

Os versos cantarolados por Emmy que se leem nas páginas a seguir foram extraídos do poema “Die verlassene Mühle” [“O moinho abandonado”], de Ferdinand Schnezler (1809-1853), autor ainda menos conhecido de nosso público leitor. O mesmo poema fornece versos que constituirão uma espécie de *Leitmotiv* no livro de Raabe. No caso da primeira quadra (cf. abaixo), procurei preservar uma métrica regular, deixando as rimas apenas assonantes, mas já atentando para o vocabulário (“mata”, “abandonado”) que é retomado logo a seguir. Mas há muito mais alusões ao longo de *Pfisters Mühle*, como a passagens de Shakespeare, Goethe, Schiller, entre numerosos outros.

O excerto ora apresentado integrou material contemplado com uma bolsa do Übersetzerhaus Looren, que me possibilitou discutir as questões acima apontadas, entre diversas outras, no âmbito da oficina de tradutores ViceVersa, realizada em outubro de 2015 em Wernetshausen (Zurique, Suíça). Aproveito esta oportunidade para agradecer à referida instituição, bem como às coordenadoras e aos colegas tradutores participantes, vindos da Alemanha, de Portugal e do Brasil, pela excelente troca de ideias, informações e experiências. A tradução, com título provisório *O moinho dos Pfister*, é projeto editorial com lançamento previsto para o final de 2016.

* Professor adjunto na Universidade Federal de Minas Gerais, tradutor.

Primeira folha

De antigas e novas maravilhas

Ah, mais uma vez respirar uma brisa fresca no último quarto deste século dezenove! Mais uma vez selai para mim o Hipogrifo... Ah, tivessem sabido as pessoas daquele tempo, tivessem adivinhado as pessoas, cem anos atrás, onde seus descendentes haveriam de procurar “a antiga terra romântica”!

Em verdade, não mais em Bagdá. Não mais na corte do sultão da Babilônia. Quem lá não esteve em pessoa certamente conhece *aquela terra* com excessiva exatidão – por fotografias, por gravuras feitas a partir de fotografias, relatórios consulares, pelos telegramas do *Kölnische Zeitung* – para ainda querer procurá-la por lá.

Não situamos mais no Oriente nenhuma história de maravilhas. Corremos atrás de nosso Hipogrifo ao redor da Terra e nele montados voltamos ao ponto de partida. Decepcionados apeamos, e os sensatos puxam seu animal coxo e ofegante para a cavalaria, e já temos que levar em alta conta se o fazem em silêncio, balançando a cabeça e com um suspiro de desolação, em vez de se vingar de sua decepção proferindo uma frase feita de cavaleiro exemplar que retorna de um mau negócio, um riso mordaz no rosto:

“Ser ludibriado, nunca mais!” Ou:

“Enfim, que tolo fui!”

Para além desses sensatos, há então aqueles sobre os quais – uma vez que estamos nós mesmos entre eles incluídos – não sabemos ou não podemos dizer se pertencem ao grupo dos inteiramente insensatos. Esses param e mantêm nas rédeas seu cavalo alado e não sabem para onde ir com ele, filhos e netos balançando a cabeça pensativos.

Ao longo do deserto sobre o qual flutuou o Pássaro Roca, onde Oberon conduziu no carro de cisnes o valente Hyon e a bela Rézia, o fiel escudeiro Cherasmin e a intrépida ama-de-leite, estão instalados trilhos de ferro e fincados postes de telégrafo; o riacho do Cédron movimentava fábricas de papel e, nos quatro braços em que se dividiu o rio que partia do Éden, foram construídos estabelecimentos ainda mais úteis: e quem vai suspender de nossos olhos hoje a névoa que se deposita sobre as maravilhas do mundo primevo?

“Quem”?... Talvez a pergunta mais apropriada seja “O que...?” Um leve sopro das profundezas da alma lançado sobre essa névoa, e ela se dissipa também hoje como no ano de mil setecentos e oitenta. A “antiga terra romântica” encontra-se de novo sob o mais claro brilho do sol à nossa frente; nós, porém, experimentamos com não injustificado espanto quão próximas de nós estão agora as “maravilhas do mundo primevo” que em vão procurávamos na lonjura – colocadas bem embaixo de nosso nariz ao longo dos tempos e sob circunstâncias modificadas.

A dez passos de distância de nossa porta estão elas – dez, vinte, trinta anos atrás –, quando a estrada de ferro ainda não tinha nenhuma parada no vilarejo mais próximo... quando o bosque de carvalhos cercado na terra vazia do conde ainda não fora derrubado por causa da fragmentação fundiária... quando, por causa dessa mesma fragmentação, ainda não haviam dividido entre os camponeses a pastagem dos gansos, transformando-

a em má lavoura de centeio... quando ainda havia salgueiros ao longo do riacho, quando esse riacho mesmo...

Enfim, sobre esse último escreverei muito nas folhas a seguir! Ele corre, através das maravilhas do mundo primevo que a mim pessoalmente está tão próximo e do qual tratará a presente narrativa, com importância e conteúdo demasiados para que se pudesse avançar sobre sua existência com um salto ou em três palavras.

† † †

“O que é que você escreve com tanto entusiasmo, amorzinho?”, perguntou a jovem mulher, e o jovem esposo mais uma vez espiando de lado o que o leitor acaba de ler, curvado pelo doce peso daquela sobre seu ombro, disse:

“Nada, na verdade, minha pequena. Olhando em mais minúcias, porém, infelizmente nada além daquilo que você mesma há muito, pela graça de Deus, já descobriu estudando com bastante apuro e afinco. Precisamente, que um certo alguém numa manhã tão bela quando a de hoje é o mais cruel de todos os asnos, o ‘mais terrível de todos os pedantes’ e... resumindo, nada mais que ‘um sujeito abominável’.”

“Então feche essa coisa tola aí e desça para me contar o restante lá fora. Um sujeito abominável, você, e um dia belíssimo, o de hoje. Os pombos selvagens continuam arrulhando nas árvores e de você, meu querido, exijo em alto e bom som que deixe de lado qualquer outro resmungo e hesitação. Vamos descendo, Ebert...”

‘As águas marulham pela mata,
Frias marulham na mata adentro
Como terei aqui chegado, à frente
Desse moinho abandonado?’”

Com voz límpida e da mais plena jovialidade, minha pequena amada criou para si uma melodia própria para o melancolicamente belo e melodioso poema, e a mim não restou mesmo alternativa senão colocar sob meu imotivado exercício de estilo três pingos de tinta, nessa folha em que, impressa, talvez se leiam três cruzeiras, e me deixar levar para ali embaixo, sob as velhas castanheiras em cuja copa os pombos selvagens continuavam arrulhando, pela manhã de verão adentro.

Segunda folha

A mesas e bancos vazios

Havia algo de singular em torno do moinho sobre o qual se vai falar aqui. Na mata, ele não ficava, e abandonado também não estava. Eu apenas o vendera – tivera de vendê-lo –, mas por quatro semanas inteiras de verão ele ia ser mais uma vez propriedade minha. Só então é que os novos proprietários passariam a possuí-lo de pleno direito. Eu não havia estipulado tal condição, podia fazer com que a pusessem por escrito, mas os atuais donos nada tinham objetado contra minha “ideia esquisita”; pelo contrário, até haviam convidado a mim e minha esposa de maneira bastante simpática a nos colocarmos inteiramente em posse do moinho, que ali nos sentíssemos em casa, até o início da construção de sua grande fábrica. Por um momento, portanto, havia de tê-lo

para mim do modo como o conhecia desde meu primeiro abrir de olhos neste mundo e o trazia em minhas melhores lembranças, como algo que comigo crescera inseparável. Depois, evidentemente, os novos donos poderiam fazer com ele o que desejassem: eu e minha mulher não teríamos nem uma palavra, nem um suspiro a manifestar. Eu já sabia que eles, os doravante proprietários, haviam feito grandes planos para o moinho; para mim, porém, infelizmente a herança de meus antepassados não poderia ser mais do que uma grande maravilha do mundo primevo, um querido, um agradável quadro na lembrança. E nesse ano, o primeiro de nosso casamento, trazia minha jovem esposa não para a Suíça, para a Turíngia ou à região do Harz, para as férias de verão, e sim a meu moinho abandonado. O que resultaria se a esposa não lograsse seguir o marido em suas melhores lembranças? Os versos do romance de Schnezler ela já havia escutado e aprendido suficientemente de meu “cantarolar incessante” no vagão do trem quando vínhamos de Berlim e mais de uma vez dissera nesses momentos: “Logo vou saber isso de cor também, queridinho!”, dizendo ainda: “Mas estou mesmo ansiosa em conhecer a terra natal de seus antepassados, coração”...